

Serviços de saúde para viajantes

Travellers' health services

Rita Sá Machado

MD, MScPH, Departamento de Epidemiologia e Estatística, Direção Geral da Saúde, Ministério da Saúde, Lisboa, Portugal

Filomena Pereira

MD, PhD, Professora Associada com agregação, Unidade de Ensino e Investigação em Clínica das Doenças Tropicais, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Delfina Antunes

MD, Especialista em Saúde Pública, Coordenadora da Sanidade Internacional da Região Norte, ACeS Porto Ocidental, Porto, Portugal

Ricardo Pereira Igreja

MD, PhD, Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Dipti Patel

MD, Director of the National Travel Health Network and Centre, Londres, Grã-Bretanha

Cláudia Conceição

MD, PhD, Professora Auxiliar, Unidade de Ensino e Investigação em Clínica das Doenças Tropicais, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Resumo

Com o aumento da mobilidade populacional, há necessidade de dirigir a atenção à prevenção de problemas de saúde relacionados com destinos e viajantes. A consulta de medicina do viajante e a informação atual e disponível sobre todas as regiões do mundo é parte essencial deste tipo de prevenção. Pela importância da medicina do viajante, foi organizada uma mesa redonda no 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical, com o objetivo de conhecer a organização dos serviços de saúde para viajantes em alguns países – Portugal, Brasil, Cabo Verde e Reino Unido. Embora existam diferenças, todos os países têm em comum a necessidade de melhorar a organização, a regulamentação, o rigor e qualidade na prestação de cuidados e no aconselhamento ao viajante. Há países em que a dificuldade ou impossibilidade de acesso a fármacos em território nacional (por exemplo, de profilaxia de malária, vacinas como a da encefalite japonesa) impossibilita, na prática, a sua utilização em tempo útil. As dificuldades identificadas, especialmente as relacionadas com a disponibilização de informação atualizada e rigorosa a profissionais de saúde e cidadãos, poderão ser colmatadas com o reforço ou desenvolvimento de parcerias nacionais e internacionais.

Palavras-chave:

Medicina do viajante, Portugal, Brasil, Cabo Verde, Reino Unido, serviços de saúde.

Abstract

With the increasing of population mobility, there is a need to focus attention on the prevention of health problems related to travellers. The traveller's medical consultation and availability of up to date information on all regions of the world is an essential part of this type of prevention. Due to the importance of Traveller's Medicine, a roundtable was organized at the 5th National Congress of Tropical Medicine, with the objective of knowing the organization of health services for travellers in some countries - Portugal, Brazil, Cape Verde and the United Kingdom. Although there are differences, all countries have a common need to improve the organization, regulation, and quality of traveller' care and advice. There are countries where the difficulty or impossibility of access to drugs in the national territory (for example, malaria chemoprophylaxis, vaccines such as Japanese encephalitis) makes it impossible, in practice, to use them in a timely manner. The difficulties identified, especially those related to the availability of up-to-date information to health professionals and citizens, could be solved by strengthening or developing national and international partnerships.

Key words:

Travel medicine, Portugal, Brazil, Cape Verde, United Kingdom, health services.

Mobilidade e os serviços de saúde

Em 2012, cerca de 1/7 da população mundial deslocava-se [1]. Este movimento interfere com a economia, cultura e com o emprego (1 em cada 10 postos de trabalho estão ligados ao turismo); em 2016, o número de viajantes internacionais atingia o bilhão de pessoas [1], estimando-se que em 2030 estejam 2 bilhões de pessoas em movimento [1].

As pessoas movimentam-se por lazer, mas também por motivos de trabalho e religiosos. Com o aumento da mobilidade populacional, há necessidade de dirigir a atenção à prevenção de problemas de saúde relacionados com destinos e viajantes. A consulta de medicina do viajante e a informação atual e disponível sobre todas as regiões do mundo é parte essencial deste tipo de prevenção.

Pela importância da medicina do viajante, foi organizada uma mesa redonda no 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical com o objetivo de conhecer a organização dos serviços de saúde para viajantes em alguns países – Portugal, Brasil, Cabo Verde e Reino Unido; o objetivo foi discutir ideias e oportunidades de colaboração em prol do desenvolvimento da medicina do viajante.

Modelos de serviços de saúde para viajantes

Este artigo resulta de uma mesa redonda no 5º Congresso Nacional de Medicina Tropical que teve como tema principal as políticas e serviços de saúde. Tem por base a análise dos documentos preparatórios que antecederam este congresso e das apresentações em *powerpoint* efetuadas pelos oradores.

Na sessão foram apresentados dados e opiniões sobre a situação atual nos países acima mencionados e iniciativas a decorrer, com referências à organização dos serviços de saúde para viajantes, à formação de recursos humanos e aplicação real ou potencial de novas tecnologias na área e iniciativas para melhorar o acesso à informação para o cidadão.

O exemplo português esteve a cargo de Delfina Antunes, médica de saúde pública, coordenadora da Sanidade Internacional da Região Norte e membro fundador da Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante (SPMV). Na sua apresentação, destacou a importância do Regulamento de Saúde Internacional (RSI) [2], enquanto instrumento basilar para os serviços de medicina do viajante, referindo ainda a necessidade dos serviços estarem de acordo com algumas das exigências incluídas naquela regulamentação para serem considerados centros de referência, mas também pela sua visão integradora destes centros enquanto locais de prevenção da importação de doenças e preparação para ameaças à saúde pública. No que concerne à realidade da Região Norte e há 25 anos atrás, o Centro de Saúde da Batalha era o único Centro de Vacinação Inter-

nacional (CVI) desta região, onde eram inoculadas vacinas da febre amarela, administradas vacinas da cólera e onde se preparava medicação antipalúdica. A situação foi evoluindo e, em 2019, a Região Norte abriu dois novos centros, perfazendo um total de 9 locais onde é possível realizar, maioritariamente, consulta pré-viagem e, em dois, também consulta pós-viagem. Este grupo de centros tem reuniões de equipa de 2 em 2 meses, com conteúdos temáticos, tendo, em 2014, iniciado um trabalho conjunto de normalização de procedimentos.

Durante esta apresentação foi ainda realçada a criação da competência de Medicina do Viajante pela Ordem dos Médicos, passo fundamental para a melhoria da qualidade dos serviços prestados ao cidadão. Em acréscimo, a Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante, enquanto sociedade científica nesta área, promove a formação entre pares e a normalização de procedimentos para harmonização da prática clínica.

O segundo orador, Ricardo Igreja, infeciologista e Professor de Doenças Infeciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), contextualizou os presentes sobre a organização do atendimento a viajantes nos serviços de saúde público e privado no Brasil.

Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em 2014 existiam 132 centros de orientação ao viajante no Brasil, dos quais 33 eram privados. Em 2017, o número tinha aumentado, havendo 237 centros, entre os quais 112 privados. O Estado de São Paulo, em 2017, detinha o maior número de centros – 87 – dos quais 45 privados. Já no Estado do Rio de Janeiro havia 14 centros, sendo dois federais, seis municipais e seis privados. [3]

O atendimento a viajantes no Brasil ocorre apenas presencialmente, não havendo suporte em tecnologias que permitam atendimento à distância ou linhas telefónicas para esclarecimento de dúvidas a viajantes e a profissionais de saúde.

A informação sobre cuidados de prevenção de saúde para viajantes existe em diversos locais da web, incluindo numa página da internet do Ministério da Saúde, intitulada “Saúde do viajante: brasileiros no exterior, vacinação, preparativos e dicas”. Nesta página da internet encontram-se informações gerais, moradas dos locais de vacinação e dos serviços de medicina do viajante, assim como tratados internacionais pertinentes na área da saúde entre o Brasil e outros países. O Centro de Medicina de Viagem da Faculdade de Medicina da UFRJ (CIVES) disponibiliza informação desta natureza na sua página da internet desde a década de 1990.

Alguns dos centros de medicina do viajante no Brasil também têm atendimento pós-viagem, sendo este número de consultas inferior ao das consultas pré-viagem.

Os profissionais envolvidos nestes serviços são, maioritariamente, médicos especialistas em infeciologia e não existe nenhuma competência, especialização ou exigência de formação complementar médica para o exercício da Medicina do Viajante. [4]

Ricardo Igreja salientou que a discussão científica sobre esta área é feita, desde o início do milénio pela Sociedade Latino-Americana de Medicina do Viajante e a Sociedade Brasileira de Medicina de Viagem, assim como pelas reuniões científicas da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical e da Sociedade Brasileira de Infeciologia. Em conclusão, o orador destacou algumas dificuldades e limitações da prática da medicina do viajante, nomeadamente no acesso a vacinas, antimaláricos e repelentes.

A experiência de Cabo Verde, país com intenso fluxo de turismo, foi dada por Elísio Silva, médico, delegado de saúde de São Vicente. Neste país, o atendimento a viajantes está previsto ser realizado nas delegações de saúde nos principais centros urbanos, nos centros de saúde (existe um em cada concelho), em clínicas e consultórios privados, assim como em hospitais centrais (2) e regionais (3). Os utentes podem ser encaminhados a estes serviços, por exemplo, por agências de viagem.

Durante as consultas, é dada informação ao viajante de acordo com o destino - principais riscos e doenças, e o que fazer para os/as prevenir. A vacinação da febre amarela e a quimioprofilaxia para a malária podem ser oferecidas, se o destino assim o exigir.

Os serviços de saúde para viajantes, compostos por equipas multidisciplinares – médico, enfermeiro e psicólogo - podem ainda ser locais importantes para atestar a não existência de algumas doenças infecciosas, de acordo com exigências do país de destino.

O orador de Cabo Verde ressaltou a experiência que o país já apresenta em doenças de origem vetorial, nomeadamente malária, zika e dengue.

O quarto e último modelo foi apresentado por Dipti Patel do Reino Unido, responsável pelo National Travel Health Network and Centre (NaTHNaC) [5]. Este Centro e esta rede foram constituídos em 2002 pelo Ministério da Saúde e estão agora incorporados na Agência de Saúde Pública inglesa. O objetivo deste programa é desenvolver normas e orientações nacionais, vigiar riscos externos, implementar o programa de vacinação da febre amarela, treinar os profissionais de saúde para prestarem o melhor serviço de aconselhamento ao viajante e colaborar com vários parceiros que tenham os mesmos objetivos.

Ao nível estratégico, seis instituições estão associadas a esta rede – Public Health England, Department of Health and Social Care, Liverpool School of Tropical Medicine, London School of Hygiene and Tropical Medicine, UCL and London Hospital for Tropical Diseases - com reuniões duas a quatro vezes por ano. A equipa é composta, maioritariamente, por médicos, enfermeiros e cientistas, providenciando informação para o sítio da internet, uma linha telefónica para profissionais de saúde e iniciativas de formação na área.

O sítio da internet “Travel Health Pro” [6], apresenta informação sobre os diferentes países, incluindo as medidas preventivas a ado-

tar e as principais recomendações a realizar; notícias; relatórios de surtos e folhas informativas sobre aconselhamento. O desenvolvimento de conteúdos é concretizado com os profissionais NaTHNaC, peritos da Public Health England, parceiros da rede, médicos em formação, entre outros, sendo posteriormente revisto pela Public Health England.

A vigilância de surtos é um recurso único, com vigilância diária internacional de doenças, onde a informação é validada por clínicos. As iniciativas de formação abrangem os webinários NaTHNaC, ferramentas eLearning, formação em febre amarela, diploma em medicina do viajante e dinamização de conferências.

A rede NaTHNaC colabora ativamente com o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico (Foreign and Commonwealth Office), com a Associação de Agentes Turísticos britânicos, com diferentes colégios e especialidades, assim como com a Organização Mundial de Saúde, CDC, ECDC e comités de peritos.

Na medida em que esta rede pretende melhorar a sua utilidade e corresponder às expectativas dos utilizadores, é feita uma análise de informação com base nos social media, grupos focais, inquéritos, linhas de aconselhamento e *analytics* do sítio da internet [7].

Desafios de futuro

Os desafios da medicina do viajante são inúmeros, não só pelas alterações contantes do padrão de doenças em mais de 220 países, mas também pela rapidez com que as intervenções terapêuticas e preventivas se alteram.

A mesa sobre serviços de saúde para viajantes permitiu conhecer as realidades de países em três continentes distintos: africano (Cabo Verde), americano (Brasil) e europeu (Portugal e Reino Unido).

Embora existam diferenças, todos têm em comum a necessidade de organização, de regulamentação, de rigor e qualidade na prestação de cuidados e no aconselhamento ao viajante.

Em alguns destes países, tal como em muitos outros, a dificuldade ou impossibilidade de acesso a fármacos em território nacional (por exemplo, de profilaxia de malária, vacinas como a da encefalite japonesa) impossibilita, na prática, a sua utilização em tempo útil.

Também é comum em muitos casos a falta de desenvolvimento de formação profissional específica e o respetivo reconhecimento. A base de evidência na medicina do viajante é ainda escassa e o conhecimento e comunicação de risco devem ser, cautelosamente, incorporados no seu léxico.

Estas dificuldades, especialmente as relacionadas com a disponibilização de informação atualizada e rigorosa a profissionais de saúde e cidadãos, poderão ser colmatadas com o reforço ou desenvolvimento de parcerias nacionais e internacionais.

Agradecimentos:

Os autores expressam o seu agradecimento a Graça Freitas, Diretora Geral da Saúde, por ter aceite ser comentadora da mesa e pelos importantes contributos e a Elísio Humberto Silva, delegado de saúde de São Vicente de Cabo Verde, pela sua apresentação.

Bibliografia

1. World Tourism Organization. UNWTO Tourism Highlights. Madrid: WTO, 2018
2. World Health Organization. International health regulations (2005). 3rd ed. Geneva: WHO, 2016
3. Fujita D, Miyaji K, Lopes M, Júnior H, Luna E. Routine Vaccination for Travelers from Emerging Countries: Epidemiological Profile of a Public Travel Medicine Clinic in Sao Paulo/Brazil. *International Journal of Travel Medicine and Global Health*. 2019; 7(1): 13-17. doi: 10.15171/ijtmgh.2019.04
4. Igreja RP. [Travel Medicine: a new field of work for the specialist in Infectious and Parasitic Diseases]. *Rev Soc Bras Med Trop*. 2003;36(4):539-540. doi:10.1590/S0037-86822003000400020.
5. The Yellow Fever Zone [Internet]. National Travel Health Network and Centre (NaTHNaC) Disponível em <https://nathnacyfzone.org.uk/>
6. TravelHealthPro [Internet]. Disponível em <https://travelhealthpro.org.uk/>
7. Petersen J, Simons H, Patel D. Access to yellow fever vaccination centres in England, and Northern Ireland: a geographical study. *Trav Med Infect Dis* 2017; 18: 24-29